

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

FLUL

2021

Rua do Açúcar nº64 - Beco da Mitra

A vida em estado
de excepção:

[des] **Obedecer**

nas sociedades contemporâneas

Centro de Estudos de Teatro

15, 16 e 17 Out.
no Teatro Meridional

Conferência integrada no Projecto "The Holocaust and Modernity: Violence and obedience in present societies", financiada pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do apoio especial Portugal e o Holocausto: investigação e memória [ID: 740684458]

jogosdeobediencia.com

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Centro de Estudos de Teatro

M MERIDIONAL
TEATRO

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL

LETRAS
LISBOA

A VIDA EM ESTADO DE EXCEÇÃO: (DES)OBEDECER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TEATRO MERIDIONAL | DIA 15 DE OUTUBRO DE 2021

09:30/10:00 | Recepção aos conferencistas. Sessão de boas-vindas.
Apresentação e início dos trabalhos. Presença de Marta Carreiras, Maria João Brilhante, Romeu Costa e Rui Pina Coelho.

10:00/11:00 | Conferência Plenária | Irene Pimentel | *Portugal e o Holocausto*
Apresentação de Marta Carreiras.

11:00/11:15 | Pausa para café

11:15/12:00 | Debate com a plateia (P&R).

12:00/13:30 | Almoço

13:30/14:20 | Apresentação de comunicações. Moderação Rui Pina Coelho.

Painel 1

Beatriz Saks Hahne & Adriana Marcondes Machado | Ver o corpo preso resistir.
Ana Paula Louzada | Como reativar a produção de comum e a potência das multidões nas intervenções em grupos? [comunicação feita à distância]

14:30/15h20 | Apresentação de comunicações. Moderação Rui Pina Coelho.

Painel 2

Josep Ramon Garcia i Ibañez | Aquele que se arrepende. Exemplos da contrição nas personagens em *5 Caprichos Teatrais* de José Gomes Ferreira e *Ainda o último Judeu e os outros (Ossman)* de Abel Neves. [comunicação feita à distância]
Rita Miranda | Pode ainda o teatro político desobedecer?

15:20/16:00 | Pausa para café.

16:00/18:00 | Laboratório de prática com elenco do espectáculo JOGOS DE OBEDIÊNCIA (1ª parte). Dinamização de Romeu Costa & Marta Carreiras. Sessão aberta ao público mediante inscrição prévia e até ao limite previsto de presenças. Inscrições pelo mail: producao@teatromeridional.net

VER O CORPO PRESO RESISTIR

Como afirmar a profanação do corpo preso? Para se recusar a fazer algo onde o corpo não vai, mas é conduzido – um centro de internação para jovens –, há que portar-se como criança; agir como criança não é ser criança, mas emprestar suas forças para criar um modo de escapar. Fazer um protesto contra o que os humilha produz, como efeito, um grito de censura à tristeza e à vontade de poder dos adultos. Na pesquisa de doutoramento em curso foram construídas conjuntamente histórias de vida a partir das narrativas de meninos em conflito com a lei. Lançamos um olhar de estranhamento a buscar pistas para o que mais as cenas vividas dizem: a recusa em assistir uma aula e o discurso aprendido que o juiz deseja escutar. Falar também abre veredas que dão acesso a outros lugares para vermos de outros pontos o corpo que segue em frente. Os meninos dão a ver experimentações de uma mesma cena e, se escutamos, é para que também façamos o vivido passar por uma espécie de fabulação da vida que permita, mais do que a sobrevivência, a vivência. Profanar é libertar um comportamento onde não se espera, dando outros usos às coisas e àquilo que foi furtado às pessoas. Por aí os meninos resistem, fazendo o oposto do que se espera deles ou fazendo exatamente o que é esperado sem, todavia, comprarem uma razão que não é sua. Há que se profanar junto com os meninos para que uma cena de tumulto fale mais do que a óbvia violência que eles praticam. Profanamos também quando nos colocamos no lugar de quem não sabe sobre o outro – esse menino sempre suposto parece contar uma história, mas ela sempre o antecede, sempre chega a nós antes que ele o faça – e que passa a saber algo porque o acompanha em sua travessia. Empréstimo de ideias de Agamben, Deleuze, Guattari e Foucault, dentre outros/as, relataremos achados da construção coletiva de histórias de vida e a singularidade que as vivências fazem aparecer, confirmando que eles não são todos iguais.

juventude; aprisionamento; resistência; conflito com a lei.

Beatriz Saks Hahne é brasileira, psicóloga de formação e, nos últimos anos, pesquisadora. Atualmente, é doutoranda pela Universidade de São Paulo, no Brasil, e cumpre um semestre de estágio de doutorado sandwich na Universidade do Porto. Pesquisa juventude em conflito com a lei (ou a lei em conflito com o jovem) pelos últimos dez anos e, em seus trabalhos, atuou diretamente com eles, coordenou projetos sociais e tem realizado processos formativos com trabalhadores que atendem meninos e meninas que são o foco das medidas socioeducativas (sanção aplicada àqueles/as que foram apreendidos por terem cometido infrações à lei).

COMO REATIVAR A PRODUÇÃO DE COMUM E A POTÊNCIA DAS MULTIDÕES NAS INTERVENÇÕES EM GRUPOS?

Como perspectivar o trabalho com grupos na psicologia no contemporâneo? Como o trabalho com grupos pode constituir saídas para as questões que intermediam o sujeito realçando as experiências das multidões? Esta comunicação visa contribuir para o debate da grupalidade, em suas formulações teóricas e metodológicas, reinserindo a atuação da psicologia nos fios constitutivos da contemporaneidade, sobretudo em solo brasileiro, com seus entremeios de colonialidades e resistências. O que pode um trabalho em psicologia que se ousa grupal, que ousa introduzir a dimensão do mais de um, para além do sujeito, ousa introduzir as dimensões de comum e de multidão? A Psicologia, em sua episteme, priorizou o sujeito, e seus velamentos das condições de obediência e de subalternia; elegeu um sujeito (o homem branco europeu heterossexual classe média) e tornou-o métrica; entretanto, este sujeito encontra-se mortificado por princípio, posto que (e)feito solo das produções capitalistas de produção e desejo. A Psicologia no século XX produziu modos de intervenções com os grupos que priorizaram as concepções marcadamente centradas nos sujeitos, enfocando suas interações, e para o próprio grupo, por vezes, forjou-se definições a partir das concepções de psiquês. Esta linhagem de intervenção grupal já indicou suas direções e apropriações, seja nas esferas da assistência social, educação, saúde/saúde mental e administração, seja na clínica. Com práticas pactuadas com os conceitos de obediência, controle e subserviência, estas intervenções grupais enfocaram o mal-estar do sujeito e seus (im)possíveis remendos. Destas falências, em sua contramão, o que pode uma psicologia, em seus trabalhos com grupos, que retomem aquilo que foi maldito de saída? Há uma outra direção de trabalho a ser feita, recuperada, reativada: como intervir nos grupos realçando os processos de multidão e de produção de comum? Que novos rumos epistemológicos podem ser traçados?

contemporâneo; psicologia; grupalidade; multidão

Ana Paula Louzada é docente do Departamento de Psicologia, e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Pesquisadora de trabalhos com ênfases grupalistas e institucionalistas.

AQUELE QUE SE ARREPENDE. EXEMPLOS DA CONTRIÇÃO NAS PERSONAGENS EM 5 CAPRICHOS TEATRAIS DE JOSÉ GOMES FERREIRA E AINDA O ÚLTIMO JUDEU E OS OUTROS (OSSMAN) DE ABEL NEVES.

Depois da Segunda Guerra Mundial e do processo de desnazificação na Alemanha, o fascismo não desapareceu, por razões políticas (agora predica que o inimigo é o comunismo e a imigração) e económicas (o grande capitalismo que vem dos Estados Unidos acelera as desigualdades) segundo analisa T. W. Adorno na sua conferência pronunciada em Viena em Abril de 1967. Aquele processo de democratização que pôde começar com a vitória dos Aliados e depois com os julgamentos de Nuremberga e que Peter Weiss aproveita na sua peça O interrogatório, oratório em 11 cantos (1965) é muito discutido hoje em dia na Europa. Além disto, Alain Badiou no ensaio "Rapsódia para o teatro" (2016) sugere o fracasso das revoluções dos anos 70, uma das quais foi a Revolução dos Cravos. O país, no nosso caso Portugal, muda da ditadura (o Salazarismo) à democracia em apenas umas horas. É evidente que esta mudança do ponto de vista político vai demorar dezanove meses (PREC ou Processo Revolucionário em curso), mas do ponto de vista pessoal ou psicológico vai ter de ficar assimilada pelas pessoas em pouco tempo. Interessa-nos esta mudança na mentalidade das pessoas: como às vezes se arrependem dos seus comportamentos durante a ditadura e, entretanto, tentam justificar e explicar as suas atitudes anteriores e após da mudança política. Podemos encontrar estes comportamentos em peças como *Heldenplatz (Praça dos Heróis)* (1988) de T. Bernhard ou *Blut und Boden (Sang i Pàtria)* (2014) de M. Molins. Mas em *5 caprichos teatrais* (1977-78), José Gomes Ferreira apresenta-nos os colaboracionistas da PIDE e Abel Neves em *Ainda o último judeu e os outros (Ossman)* (2016) fala dos filhos daqueles nazis. Estas personagens às vezes até justificam os crimes do Salazarismo/nazismo quando dizem que eles obedeciam os seus superiores. E os próprios autores tentam de manter o espectador atento sobre o fracasso daquela revolução utópica e o regresso daquele fascismo que nunca desapareceu e que até "saiu do armário" transformado em partido político, alto-falante da sua própria propaganda.

teatro político, desnazificação, José Gomes Ferreira, Abel Neves, contrição

Josep Ramon Garcia i Ibáñez é Licenciado em Filologia Espanhola e Filologia Catalã; Doutor em Filologia Portuguesa pela Universitat de València com a tese "El teatre polític portuguès dels segles XX i XXI. La proposta dramaturgic d'Abel Neves" (2016); Professor associado de língua portuguesa e cultura brasileira na Faculdade de Filologia da Universitat de València (Cursos 2009-2011); Professor associado da Faculdade de Educação da Universitat de València onde lecionou aulas de literatura teatral (2015-2017); Professor de Língua e literatura catalã no ensino secundário e para empregados públicos a partir do ano 2000; Tradutor de português e assessor linguístico de catalão; Tem participado em congressos nacionais e internacionais.

PODE AINDA O TEATRO POLÍTICO DESOBEDECER?

Com base nas discussões realizadas por autores como: Jacques Rancière, Gerard Noiriel, Claire Bishop, Hans-Thies Lehmann, Olivier Neveux e Florian Malzacher; a presente comunicação quer explorar o pensamento em torno da possibilidade de se reacender a potência do teatro político. Parte do diagnóstico das últimas décadas sobre o que tem sido feito a nível de teatro político considera que este perdeu o seu experimentalismo (deixou de ser desobediente), para ocupar o lugar de género que com suas práticas, seja através da relação que estabelece com o espectador; dos discursos; ou dispositivos formais; vem realizando algo contrário à posição do político (e do teatro) se valendo muitas vezes daquilo que se designa a combater como, por exemplo, o autoritarismo. No contexto europeu, desde o fim da segunda guerra, entende-se que o teatro político foi se convertendo em simulacro de luta e que esse processo se intensificou dada uma forte institucionalização do teatro e com a vitória do neoliberalismo. O objetivo desta comunicação é tentar expor, ainda que de modo geral, quais os desafios para o teatro político hoje, tentando perceber como e de que modo, através de quais mecanismos poderia se valer para provocar um dissenso (Jacques Rancière) necessário para o exercício do político, fundante da política. Se ao assistirmos uma peça de teatro dizemos: “essa peça é política”, para onde esta afirmação nos leva? Quais as dimensões, os substratos encontrados em um espetáculo, que nos levam a credenciá-lo como político? É um discurso? Uma boa causa defendida no palco? É a forma como os atores e aparatos técnicos se envolvem para convencer o espectador de que aquilo que assistem é real? É através de um realismo extremado? O contrário de tudo isso? Ou será ainda através de “passagens secretas” (Olivier Neveux) que vamos encontrar o político? Pode ainda o teatro político desobedecer?

teatro político; luta; experimentalismo; potência; autoritarismo

Rita Miranda é mestre em Filosofia pela PUC-SP; e direção na SP Escola de Teatro. Autora dos artigos: “Estudos sobre Bertolt Brecht” (2011); “Uma Proposta Didática a partir de Bertolt Brecht” (2011); “Brecht e o Marxismo” (2014); “A função do teatro no contexto de congelamento da cultura em São Paulo, Brasil” (2018). Trabalhou como atriz e diretora em São Paulo, realizando trabalhos como assistente de direção - de Antônio Duran no “Projeto Masculino” - e diretora do grupo DaCalada, encenando a peça “Quer rodar?”. Desde 2018 dá aulas de teatro para crianças em Lisboa e é doutoranda pelo CET- Centro de Estudos de Teatro na Universidade de Lisboa com pesquisa voltada para o Teatro Político.

A VIDA EM ESTADO DE EXCEÇÃO: (DES)OBEDECER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TEATRO MERIDIONAL | DIA 16 DE OUTUBRO DE 2021

10:00/12:00 | Laboratório de prática com elenco do espectáculo JOGOS DE OBEDIÊNCIA (2ª parte). Dinamização de Marta Carreiras & Romeu Costa. Sessão aberta ao público mediante inscrição prévia e até ao limite previsto de presenças.

12:00/13:30 | Almoço

13:30/14:20 | Apresentação de comunicações. Moderação Rui Pina Coelho.

Painel 3

Nuno Tavares da Costa | *La Bête Humaine*: cidade e (des)obediência.

Bruno Ramos | Heterotopias Autónomas Provisionais: O poder é agorafóbico.

14:30/15h20 | Apresentação de comunicações. Moderação Rui Pina Coelho.

Painel 4

Isabela Alves Lacerda | A liberdade como factor determinante para a manutenção da individualidade em uma perspectiva arendtiana.

Anabela Mendes & Pedro Alves | Seja quem for e por quem for.

15:20/16:00 | Pausa para café.

16:00/17:00 | Laboratório de prática com elenco: partilha de resultados e inquietações - a caminho do espectáculo JOGOS DE OBEDIÊNCIA (estreia em Maio de 2022 no SLTM). Moderação de Marta Carreiras & Romeu Costa, com a socióloga Sandra Mateus.

17h15/18h00 | Instalação dispositivo de conversas.

LA BÊTE HUMAINE: CIDADE E (DES)OBEDIÊNCIA

La Bête Humaine, que uso aqui por deferência ao título de Émile Zola (1890), pouco tem na realidade a ver com este. Trata-se antes de uma qualificação também utilizada pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier para caracterizar o indivíduo portador de toda uma bestialidade. Olhando para o avanço da vida como um paradoxo, que tanto deseja como odeia. Sente-se escravo de um certo estado frenético das coisas, ao qual não consegue escapar. Vivemos um período de profunda crise, mas, ao mesmo tempo, parece que estamos nas vésperas de uma grande mudança.

É preciso compreender o que se passa nas nossas cidades, que nos proporcionam um contexto velho e hostil. Que sentimento guardamos da cidade. Que sentimento guarda o camponês que vive na aldeia distante, mas que à cidade tem de recorrer de quando a quando? Que sentimento guarda o operário que trabalha na cidade, mas que vive nas suas periferias deprimentes, endividando-se por 30 anos para ter uma casinha igual a todas as outras, e que reserva uma parte significativa do seu dia para se deslocar? Que sentimento guarda o subordinado que prefere viver em condições indignas na cidade para, pelo menos, esse tempo conquistar? Não são eles também parte da sociedade urbana que, entretanto, os ostraciza, mas deles precisa para erguer os seus condomínios e manter abertos os monumentos, hoje meros objetos de consumo?!

A nossa casa é a cidade e a ela temos direito. Impõe-se perguntarmo-nos que cidade queremos e obrigarmo-nos a saber. É preciso expressá-lo, para que o outro saiba o que nós pensamos. Isso é o que chamamos de ato político. O discurso e as palavras são as nossas únicas armas na política. Política é o que nós decidimos fazer, e para isso é preciso que a liberdade seja plena, e quando não o for então desobedecer.

obediência; desobediência resistência; cidade; arquitetura;

Nuno Tavares da Costa é arquiteto e investigador. Estudou Arquitetura e Arquitetura de Interiores na FA-UTL e tem um doutoramento em Arquitetura pelo ISCTE-IUL. É coordenador de projeto na Bak Gordon Architectos desde a sua fundação, em 2002. É investigador integrado doutorado do DINÂMIA'CET-IUL, no grupo Cidades e Territórios. O seu principal interesse reside na arquitetura enquanto processo. Os seus estudos situam-se nas relações entre o exercício da arquitetura e do urbanismo com as questões da consciência (ética), da resistência ou da desobediência intelectual, enquanto motivações críticas tendo em vista uma perpétua transformação cultural.

HETEROTOPIAS AUTÓNOMAS PROVISIONAIS O PODER É AGORAFÓBICO

Entre 2011 e 2020, recolhi imagens de vídeo numa multiplicidade de eventos e locais em Londres e nos seus arredores. Construí um arquivo de imagens sem nenhuma ligação aparente entre si ou ideia predefinida de um filme a ser produzido. Filmei espaços arquitetónicos e naturais, eventos e pessoas sem agenda prévia, num mero impulso arquivista. Ao revisitar este arquivo pessoal, novas ligações, ideias, conexões e tangentes manifestam-se. Prosperam novas maneiras de olhar para o que foi filmado, são criados rizomas e novas conexões entre imagens e sons. No último ano e meio, tenho-me dedicado a trabalhar este arquivo, num processo arqueológico lento de edição, ligando, contrapondo ou sobrepondo imagens e sequências numa busca de novos conceitos, significados e narrativas dentro do meu trabalho.

No meu arquivo existem, entre outros, três momentos distintos que, quando colocados lado a lado, denotam uma relação subtil entre si. Entre um ringue de boxe, o muro da aldeia olímpica e um cordão policial, esta relação estende-se, imagem para imagem, como uma corda imaginária que corta o horizonte e as une. Ao sequenciar estes blocos de imagens aparentemente distintas, a ideia de clausura ou cerco - que me lembro de estar já presente em mim quando filmei eventos - sobressai agora ao rever todas elas.

Tanto a comunicação como o filme a apresentar pretendem abordar estas delimitações temporárias de espaços geográficos, na relação com os que inclui e exclui, nas suas relações internas de poder, na sua capacidade de impedir a deriva, a sua materialidade, mobilidade e relação com o indivíduo e território. Estes pontos de reflexão foram sendo interligados e colocados em conversação, por vezes por extrema oposição, com conceitos e autores como o rizoma, espaço háptico e ótico e nomadismo de Deleuze e Guattari, zona autónoma temporária de Akim Bey, heterotopia de Foucault, moldura de Jacques Aumont, ou de espaço em Rudolf Arnheim.

cerco, nómada, rizoma, poder, heterotopia

Bruno Ramos nasceu em 1975 em Lisboa. Estudou fotografia, cinema e crítica de arte contemporânea. Tem um mestrado, com distinção, em cinema documental pela universidade de Goldsmiths em Londres. O seu trabalho como fotógrafo e realizador tem sido desenvolvido e exibido internacionalmente. Em 2006 foi finalista do prémio BES revelação em fotografia e em 2010 foi-lhe atribuída a bolsa Gulbenkian para desenvolvimento académico no estrangeiro. Em 2012 ganhou o prémio Fuso Videoarte pelo seu vídeo Factory. Frequenta atualmente o Doutoramento em Artes na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Vive e trabalha em Londres e Lisboa

A LIBERDADE COMO FATOR DETERMINANTE PARA MANUTENÇÃO DA INDIVIDUALIDADE EM UMA PERSPECTIVA ARENDTIANA.

Identificado pelo pensamento político contemporâneo como novidade singular na história da humanidade e considerado como exemplo representativo da destruição do político, o fenômeno totalitário provocou polêmicas em relação aos termos utilizados no processo da sua compreensão. Nesse sentido, o presente trabalho pretende explicitar as diferenças essenciais, para Hannah Arendt, entre a tirania e o totalitarismo, no intuito de demonstrar como este último, além de destruir a esfera pública, investe também contra a vida privada, radicalizando o fenômeno do isolamento e introduzindo a solidão como experiência radical da existência humana. Hannah Arendt defende a ideia de que o fenômeno do domínio total é uma novidade para a qual a teoria política não encontrara subsídios teóricos adequados para a análise. Examinaremos a partir do pensamento político de Hannah Arendt a distinção entre esfera pública e esfera privada, e o modo como, na modernidade, a esfera da vida privada alcançou uma significação pública jamais tida antes. Portanto, é somente na modernidade que a esfera pública se tornou apenas uma função da esfera privada, possibilitando, assim, que a vida e a necessidade ascendessem ao centro da questão política. A promessa totalitária de recuperar a autoestima nacional pelo retorno da Alemanha ao cenário europeu é um exemplo do êxito totalitário em penetrar na vida íntima das pessoas e convidá-las a participar do regime através da aceitação passiva. É preciso, pois, deslocar a necessidade como centro da política para, em seu lugar, repor a liberdade. Para Arendt, a liberdade é a participação nos assuntos públicos. Segundo a autora, quando conseguimos nos ver livres do desejo de liberdade de opressão damos início à liberdade como modo político de vida. Hannah Arendt critica, ainda, a substituição da singularidade pela massificação dos sujeitos em contexto social. Para a filósofa é indispensável a existência da diferença, da multiplicidade de pessoas, opiniões e origens. De acordo com sua visão, a liberdade não pode ser um instrumento para outros fins: a liberdade é um fim em si mesma.

totalitarismo; política; espaço público e privado; liberdade; verdade

Isabela Alves Lacerda possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2015). Tem experiência na área de Ensino de Filosofia, com ênfase em Filosofia. Participou como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID. Atualmente cursa Mestrado em Filosofia pela Universidade de Lisboa.

SEJA QUEM FOR E POR QUEM FOR

Nenhuma desobediência é tão profícua quanto aquela a que a resistência se cola como íntima exortação, quaisquer que sejam as respectivas razões e pronunciamentos que se lhes associem e nela se manifestem. Ser-se desobediente acarreta quase sempre uma atitude que evidencia a contramão em relação a regras, princípios, disposições que orientam, também determinam, a convivialidade e a sociabilidade criadas para que o seu contrário nada ponha ou possa pôr em questão. Como se sobrevive entre obedecer e desobedecer quando a coragem se afoita a todo o instante e os limites do humano passam a ser postos à prova? Optámos por varrer a pente fino o emaranhado de cabelos que são uma peça e que dificilmente se deixam desmanchar. E assim sendo, entrecruzaremos as vozes cruzadas na voz, aquelas que se entressonharam e já não sabem se devem desobedecer à voz ou se contrariamente lhe devem suspender a obediência. Trataremos então, em particular, de uma peça que nos ocupa há muito tempo e conosco ainda há-de prosseguir por meses sem fim. Os Protegidos (2012-14 e até 2016), de Elfriede Jelinek, é o texto que escolhemos e que versa o assunto dedicado a refugiados. Fazer-se ouvir em terra estrangeira, resistir em terra estrangeira, desacreditar-se perante si mesmo só porque se é um seja quem for em terra estrangeira são alguns dos nexos a que atribuiremos valor. E fá-lo-emos contra a hipocrisia, contra o bem-estar de quem só quer saber do seu bem-estar, contra os olhos egoístas que nada desejam repartir, contra o medo do cheiro do estranho. Não há palavras verdadeiras que possam suportar a recusa de quem deliberadamente rejeita escutar memórias que foram e são outra realidade. Na desordem e angústia daqueles cujas palavras não encontram audição e que por isso se recusam à memória, resta, por ora, dar voz às vozes e que isso seja por quem for.

“obediência-desobediência; refugiados; vozes em Jelinek; actores como objectos de acção”

Anabela Mendes (1951) é germanista e professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A partir de 2018 tornou-se investigadora independente. Desenvolve a sua actividade científica e ensaística nas áreas dos Estudos de Expressão Alemã, Estética e Filosofia da Arte, Ciência e Arte, Teoria e Dramaturgia Radiofónica, Artes Performativas, Viagens de Longo Curso. É tradutora literária e dramaturgista. Tem criado projectos artísticos e culturais em Lisboa, Berlim, Panjim (Índia) e Açores. Realiza, actualmente, com outros investigadores e como projecto autónomo, a 2ª fase de acção, dedicada ao estudo das artes e da cultura no Arquipélago de Bijagós (Guiné-Bissau). Chama-se o projecto Bijagós: Uma etnia de viver homeostático.

Pedro Alves nasceu em Sintra, em 1979. Cofundador e diretor artístico do teatromosca. Licenciado em Estudos Artísticos, na variante de Artes do Espetáculo, e Mestre em Estudos de Teatro pela FLUL. Tem colaborado, regularmente, com o Quorum Ballet na função de dramaturgista. No teatromosca, dirigiu, entre outros, os espetáculos “Dog Art”, “As Três Vidas de Lucie Cabrol”, “Europa”, “Tróia”, “Moby-Dick”, “O Som e a Fúria”, “Fahrenheit 451”, “Kif-Kif”, “MODOS DE VER” ou “O Deus das Moscas”. É responsável pela programação cultural do AMAS – Auditório Municipal António Silva e do festival MUSCARIUM.

A VIDA EM ESTADO DE EXCEÇÃO: (DES)OBEDECER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TEATRO MERIDIONAL | DIA 17 DE OUTUBRO DE 2021

10:00/10:30 | Conferência plenária | Miriam Assor | *Aristides de Sousa Mendes - O Profeta dos nossos dias*. Apresentação de Romeu Costa.

10:30/11:00 | Fora de Jogo: João Brites.

11:00/11h15 | Pausa para café.

11:15/12:00 | Debate com a plateia (P&R).

12:00/13:30 | Almoço

13:30/15:00 | Apresentação de comunicações. Moderação Rui Pina Coelho.

Painel 5

Ana Mira | Isadora Duncan Gertrude Stein Susanne K. Langer, movimentos de aparição e resistência na dança, poesia e filosofia.

Felipe Henrique Monteiro Oliveira | Antonin Artaud e o Holocausto Psiquiátrico na França durante a ocupação da Alemanha Nazista: a arte sobreviveu à fome e aos eletrochoques [comunicação feita à distância]

Cecília Lima | Corpos em resistência: das práticas laboratoriais às práticas sociais.

15:00/16:00 | Pausa para café.

16:00/18:00 | Espectáculo KAMARÁD, Coletivo artístico Mochos no Telhado. Direção artística: Dennis Xavier e Sofia Moura. Após o espetáculo terá lugar uma conversa entre o público e os artistas, moderada por Maria João Brilhante e Rui Pina Coelho.

ISADORA DUNCAN GERTRUDE STEIN SUSANNE K. LANGER, MOVIMENTOS DE APARIÇÃO E RESISTÊNCIA NA DANÇA, POESIA E FILOSOFIA

In being one dancing she was being one and being
one who was resembling some and these were of a kind
of a one being ones thinking in feeling in meaning being
existing she was one who had been, who was dancing
and dancing could be, had been existing.
(Stein, 1993)

Gertrude Stein (1874-1946) escreveu o poema em prosa *Orta or one dancing* por volta de 1911, um retrato da bailarina americana Isadora Duncan (1878-1927) cuja expressão, Stein acreditava, integrava a dança e pensamento. Ao reconhecer em alguns dos seus conterrâneos tal integração entre sensibilidade e intelecto, assim como arte e vida, Stein procurava o alcance do ser si mesmo e o continuar a ser si mesmo, mesmo se reflectido num outro, mesmo a ser como alguns (Dydo in Stein: 1993). A identificação de Stein (1993) com Duncan surge no próprio poema – “She went on being one (...) she was then resembling some one, one who was not dancing, one who was writing”, enquanto Duncan dançava sozinha no papel do coro, onde ela mesma acreditava ser o verdadeiro lugar da dança na sua busca pela liberdade no feminino perante o solista na tradição patriarcal da dança ocidental.

Segundo Susanne Langer (1953), a filosofia da arte “requer o ponto de vista do artista para testar o poder dos seus conceitos” e o filósofo usa o que aprende dessa “linguagem dos estúdios” para “construir teoria”. Convocamos uma experiência própria nas práticas de movimento, leitura, reflexão e escrita como meio para perscrutar o seguinte: Que modos de resistência, na arte e na vida, antevemos naquele testemunho de Stein sobre Duncan a ser ela mesma a dançar, a continuar a ser si mesma, mesmo se reflectida num outro, mesmo a ser como alguns?

Para tal, procuramos no poema de Stein (1993) e nos escritos de Duncan (1928, 2018), pela perspectiva de Langer (1953), primeiro, o sentimento concebido pelo artista na criação da forma e, segundo, os gestos que, para além da realidade física e material do movimento e da escrita, transmitem uma potência, força vital – os “gestos virtuais” como “símbolos da vontade” capazes de criar uma “ilusão”, “aparicação”, “influência”, cuja experiência subjectiva se opõe a vontades constringedoras.

Por último, a partir das impressões artísticas e filosóficas encontradas, procuramos traçar os indícios dos modos de resistência, na arte e na vida, antevistos no testemunho de Stein sobre Duncan a dançar no contexto da nossa contemporaneidade.

resistência, sentimento, forma, gesto, virtual

Ana Mira é professora na Escola Superior de Teatro e Cinema e no Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual. Estudou práticas somáticas e dança contemporânea na Europa e Estados Unidos, e completou o doutoramento em Filosofia /Estética na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, sob orientação do filósofo José Gil e como bolsista da FCT. Colabora com o grupo de investigação Arte, Crítica e Experiência Estética do Culturelab no Instituto de Filosofia da Nova e com os centros artísticos c.e.m. e Porta33. Na performance de dança colaborou com Pauline de Groot, Russell Dumas, Deborah Hay e Rosemary Butcher. Tem publicado ensaios de dança e filosofia internacionalmente.

ANTONIN ARTAUD E O HOLOCAUSTO PSIQUIÁTRICO NA FRANÇA DURANTE A OCUPAÇÃO DA ALEMANHA NAZISTA: A ARTE SOBREVIVEU À FOME E AOS ELETROCHOQUES

Em plena Segunda Guerra Mundial, estima-se que aproximadamente 45000 pacientes com doenças mentais morreram de fome nos hospitais psiquiátricos na França durante a ocupação da Alemanha Nazista. Encontra-se em uma dessas instituições sanitárias o artista francês Antonin Artaud. A princípio, em fevereiro de 1939, foi transferido para o hospital psiquiátrico de Ville-Évrard, localizado na região metropolitana de Paris. Internado, Artaud recebe a visita de alguns amigos e familiares, porém em decorrência da guerra se sente solitário, e se queixa do hospital de Ville-Évrard dizendo que os pacientes são tratados inadequadamente no lugar de serem liberados, não recebem cuidados básicos e até mesmo estão morrendo de fome; mesmo com fome e pesando quase 50 kg, Artaud implorava para que a administração das suas doses de heroína fossem adequadamente ministradas. A procura de um tratamento menos invasivo e que não racionasse a alimentação dos internos, a mãe de Artaud conseguiu transferi-lo em fevereiro de 1943 para o Hospital Psiquiátrico de Rodez, chefiado pelo Dr. Gaston Ferdière. Artaud permaneceu três anos em Rodez. Ferdière foi um grande admirador, acolhedor e incentivador de Artaud para que não abandonasse a literatura e a vida, e assim ele o fez até o fim da vida. Porém, Ferdière o decepcionou, haja vista que durante sua internação, além de ter fraturado uma vértebra, ele foi submetido a 58 sessões terapêuticas de eletrochoques. Artaud clamava para não servir de cobaia nas sessões de eletroconvulsoterapia que ainda era um tratamento psiquiátrico recente na França, pois sua imaginação, seus pensamentos, seu gosto pela vida e suas ideias fugiam do seu corpo depois de ser submetido aos eletrochoques. Mas mesmo sofrendo com a fome, com os eletrochoques e privado de liberdade, Artaud não parou de fazer e viver arte.

Antonin Artaud; holocausto; hospitais psiquiátricos; fome; eletrochoques

Felipe Henrique Monteiro Oliveira é fundador, diretor e pesquisador do Centro Internacional de Pesquisas Artísticas e Acadêmicas sobre Antonin Artaud. Pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas Universidade de São Paulo. Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas.

CORPOS EM RESISTÊNCIA: DAS PRÁTICAS LABORATORIAIS ÀS PRÁTICAS SOCIAIS

Que humanidade somos nós? Que mundo construímos onde o capitalismo, ávida e sub-repticiamente, domina as nossas vidas, distorcendo o respeito pelos direitos humanos? Onde os donos das armas fazem guerras e inventam medos. Onde os donos do petróleo desprezam a natureza. Onde a sofreguidão de poder vai conseguindo destruir o espírito de empatia! Como resistir a tudo isto? Vamos resistindo meramente em sobrevivência, em oposição ou em “re-existência”?... A força de resistência é algo intrínseco à nossa natureza relacional. Logo no desejo de se pôr de pé, o bebê resiste à força que o suporta e condiciona – a força da gravidade da terra mãe. É resistindo à força de gravidade que transferimos o peso de um pé para outro e damos um passo em frente. É pela oposição de forças em resistência que nos movemos. A noção de resistência é então um conceito emergente que surge pela urgência do movimento. Como perceber esta necessidade primária de resistência? Como praticar essa relação de forças em oposição? Esta apresentação vem partilhar os frutos de um laboratório de pesquisa pela prática, denominado Trans-Meaning, onde, a partir da capacidade de intensificação proprioceptiva desenvolvida pelo bailarino, investigámos o sentido sensório-motor derivado da ação de resistência. A partir da fisicalidade de jogos de resistência entre dois corpos fomos descobrindo diferentes modos de relacionamento corporal que se transportam para o plano intersubjetivo de poderes. No jogo de resistência, o corpo joga com a força do seu peso. Nesse movimento de transferir o peso, ele desafia a percepção de limites e transfere o sentir e o sentido de si. O corpo vai além da sua individuação, pois o seu peso passa a ser um peso “trans-ferido” além da sua carne e o centro de equilíbrio está para além do seu eixo individual, trespassando a pele. Pela exploração de resistência enquanto conceito que emerge da fisicalidade entre dois corpos, surge então uma outra perspetiva sobre os conceitos de intersubjetividade que dele derivam. A necessidade orgânica de um corpo que resiste enquanto processo intrínseco à sua existência revela-se como uma necessidade de “re-existência”, “re-criação” e “comum-única-ação”. Por fim, gostaria de lançar uma questão: como transportar este estudo para o plano de movimentos sociais?

corpo; movimento; relação; resistência; trans-meaning

Cecília de Lima é doutorada na especialidade de Dança pela Universidade de Lisboa e Mestre em coreografia pela Faculdade de Artes ArtEZ (NL). Professora na Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Lisboa. Investigadora integrada no Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança. Desenvolve trabalho no campo da relação da dança com fenomenologia, ciências cognitivas, práticas somáticas, educação pela arte e digital-media art. Inicia a sua carreira profissional como coreógrafa e bailarina em 1999, trabalhando com diversos criadores Europeus. Co-fundadora da companhia Canvas Performing Art (NL). Foi professora convidada em diversas Faculdades, destacando: Amsterdam Faculty of Arts, ArtEZ Faculty of Arts e Universidade Aberta - Doutoramento em Digital-Media Art.

CONFERÊNCIA

INTERNACIONAL

A vida em estado
de excepção:

[des] **Obedecer**

nas sociedades contemporâneas

DIA 17 - Espectáculo Kamarád - 16:00 no Teatro Meridional



KAMARÁD é uma viagem pelas páginas de uma revista criada por crianças e jovens prisioneiros no campo de concentração de Theresienstadt, durante a Segunda Guerra Mundial e que contou com 22 edições. Em dias sombrios, a arte foi pão que distraía a fome e alimentava a capacidade de imaginar um outro presente e um futuro diferente, no contexto de um campo profundamente marcado pela sua intensa vida cultural da qual professores, músicos, atores e diversos artistas faziam trincheiras para resistir. Debruçamo-nos sobre a resistência como acto performativo, como acto de criação e de afirmação da vida em oposição à morte. De que forma a arte sobrevive e prolifera na ameaça de um fim iminente? Qual o papel da arte e da educação nos tempos mais sombrios? Iván e os seus camaradas criaram para se inscrever no mundo, assinando por fim o seu nome num pedaço de papel, daqueles raros de encontrar num campo de concentração.

Ficha artística

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Dennis Xavier e Sofia Moura
CO-CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO: Clara Spormann, Gabriel Gomes, Sofia Moura, Dennis Xavier
CO-CRIAÇÃO E APOIO AO MOVIMENTO: Leonor Barata
DIREÇÃO MUSICAL: Beatriz Mendes e Dennis Xavier
INTERPRETAÇÃO MUSICAL: Beatriz Mendes, Daniel Almeida e Fábio Meneses
CENÁRIO E FIGURINOS: Ana Seia de Matos
DESENHO DE LUZ: Vítor Freitas
FOTOGRAFIA E VÍDEO: Luís Belo
PRODUÇÃO: Mochos no Telhado

APOIOS: Município de Viseu/ Fundação GDA/ Museu do Holocausto do Porto/ YadVashem Jerusalém/ YadVashem México/ Beit Terezin/ Memoshoah/ Creta - Laboratório de Criação Teatral



Museu do
Holocausto
Porto



Conferência integrada no Projecto "The Holocaust and Modernity: Violence and obedience in present societies", financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do apoio especial Portugal e o Holocausto: investigação e memória [ID: 740684458]

2021



Centro de Estudos de Teatro



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL

A vida em estado
de excepção:

[des] **Obedecer**
nas sociedades contemporâneas

A CONFERÊNCIA SERÁ ABERTA AO PÚBLICO

APENAS SUJEITO A LOTAÇÃO DA SALA

INSCRIÇÕES

PARA

1+ ASSISTIR ÀS COMUNICAÇÕES

**2+ PARTICIPAR NOS LABORATÓRIOS PRÁTICOS
COM O ELENCO DO ESPECTÁCULO**

3+ ASSISTIR AO ESPECTÁCULO KAMARÁD

EM : PRODUCAO@TEATROMERIDIONAL.NET

(ENVIAR NOME , ACÇÕES EM QUE SE INSCREVE E CONTACTOS)

Centro de Estudos de Teatro

Conferência integrada no Projecto "The Holocaust and Modernity: Violence and obedience in present societies", financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do apoio especial Portugal e o Holocausto: investigação e memória [ID: 740684458]

no Teatro Meridional

2021

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Centro de Estudos de Teatro

M MERIDIONAL
TEATRO

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL LETRAS
LISBOA